

Uma crônica para os dias de hoje

Resenha do livro

ROCHA, Ronald. O movimento socialista no limiar dos impérios financeiros. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2006.

Jeffete Pinheiro Jr.¹

As coisas do nosso tempo modificam-se às vezes muito depressa, mostrando a nós, de forma direta e arrasadora, enormes adversidades. A realidade apresenta-nos problemas incontornáveis ao incauto olhar, que exigem de nossa parte esforços *aparentemente* inalcançáveis para superar. Isto vale especialmente para os militantes de esquerda e os revolucionários, que precisam compreender com profundidade as velozes variações da conjuntura, com implicações sobre suas infintas diferenças internas.

É disso que trata a crônica que resenhamos. Chamamos assim porque o mesmo é feito pelo autor, que batizou o sub-título do livro como uma “Crônica da Segunda Internacional”. A essa altura, decerto, o leitor já percebeu que o inconcluso raciocínio do parágrafo anterior não resistiria a um mínimo de racionalidade. É justamente isso que queremos acentuar: o movimento socialista já passou por dificuldades e crises de dimensões semelhantes às mais recentes, sendo indispensável o estudo dos caminhos percorridos por quem nos antecedeu como forma de lóbrigar opções nas ocasionais trevas contemporâneas.

Ronald Rocha, militante e pesquisador das ciências humanas, se dispôs, à luz de um importante material reunido e tempo dedicado ao estudo, a visitar a trajetória da Segunda Internacional. Percorreu este caminho não com a preocupação técnico-acadêmica costumeira de construir uma obra histórica como fazemos nos centros de pós-graduação. Preferiu o caminho da crônica, de olhar para este objeto explicitamente preocupado com os dilemas contemporâneos, sobretudo por sua flagrante similitude com nossa realidade hodierna em uma série de aspectos. Advertimos logo que esta escolha não significou, de maneira nenhuma, negligência científica, sendo um trabalho capaz de se posicionar teoricamente de maneira clara. Trata-se, portanto, sem mediações, da crônica de um socialista sobre a Segunda Internacional. Essas características fazem da

obra mencionada um trabalho instigante e de leitura fácil. Duas dimensões da realidade visitada por Ronald despertam destacado interesse: a primeira delas é a gravidade dos tempos em que a Segunda Internacional atuou. Não bastasse a construção dos grandes impérios financeiros do capitalismo moderno, e a conseqüente dominação imposta às nações mais pobres, os debates do movimento socialista internacional percorreram a crise em cujo ápice estava a Primeira Guerra Mundial, uma das maiores tragédias da história humana. Em segundo lugar, está o fato de que as diferentes correntes ideológicas presentes nos embates políticos daquela época formam, no fundamental, a base de quase todos os grupos auto-intitulados socialistas no mundo de hoje.

A Segunda Internacional é considerada, pelo livro, fruto do esforço continuado de Marx, Engels (este último principalmente, após a morte do primeiro em 1883) e alguns poucos militantes menos conhecidos em organizar supra-nacionalmente os primeiros movimentos proletários. Nasce, porém, da tragédia da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), que em sua breve vida esteve mergulhada em disputas e desavenças (tanto teóricas como na ação política) que impediram seu desenvolvimento. O pluralismo ideológico da Primeira Internacional incluía marxistas, anarquistas, democratas radicais, positivistas, entre outras tendências captadas pelo autor.

Dessa maneira, concluíam-se que a nova experiência, para ser melhor sucedida deveria estar acompanhada de uma definição mais precisa de seu caráter político – o que foi tentado, mas apenas parcialmente alcançado. Afinal, olhando para a realidade da segunda metade do século XIX: “*O certo é que Marx – apesar de muito respeitado moral e intelectualmente – era francamente minoritário nesse carrossel democrático e proletário.*” (p. 37) Assim, a nova organização nascia ainda muito ampla e não

pode ser entendida como um bloco homogêneo dominado pelas forças revolucionárias, mesmo porque as disparidades se ramificavam por dentro dos que defendiam a idéia de ruptura.

O movimento mais curioso tratado pelo livro, e que debate abertamente a política deste século XXI, é o da gestação e consolidação de um campo, alcunhado pelo autor de social-liberal. Animados pela derrota do levante na Rússia de 1905, os críticos da doutrina marxista se deixaram levar pela maré nacionalista da era de expansão do imperialismo, que posicionou o mundo às portas da I Guerra Mundial. Aliás, é a própria proximidade do conflito armado que fez nascer na esquerda revolucionária a palavra de ordem de “guerra à guerra”, vitoriosa nas primeiras reuniões do Birô Internacional em 1912, mas que se dissolveu em anos seguintes.

A expansão, nesse contexto, das versões social-democratas, reformistas e adaptacionistas trouxeram consigo a desarticulação do combate socialista à guerra mundial. O internacionalismo proletário fora substituído pelo chauvinismo burguês de importantes lideranças, como Bernstein, Adler e Guesde. A esquerda, sustentada por Rosa Luxemburg, Bebel e pensadores russos, entre os quais Lênin, ainda tentou articular a resistência internacional à disputa militar burguesa, mas fracassou diante da hegemonia do nacionalismo burguês. Restou o desabafo de Rosa diante da prostração da II Internacional: “*Proletários de todos os países, uni-vos em tempos de paz e degolai-vos uns aos outros em tempo de guerra!*” (p. 151).

A situação política do Brasil claramente não está inserida num contexto de corrida armamentista ou de conflito bélico. Há, todavia, grande expansão de trabalhos acadêmicos empenhados em descortinar as razões do recente transfúgio, ou transformismo, de segmentos da esquerda brasileira em direção a ideologias burguesas ou defensoras de alterações minimalistas na ordem do capital. Que peso tem, nesses processos, as determinações materiais da conjuntura? É para investigar dúvidas desse caráter que propomos a leitura do livro de Ronald, a partir de uma concepção histórica que afasta, simultaneamente, o acaso e a inevitabilidade, e aponta como eixo dessas questões o embate político das classes sociais.